

A evolução do conceito de grupo em Silvia Lane*

Evolution of the group concept in Silvia Lane's work

*Renato Jesus da Silva***
*Maria do Carmo Guedes****

Resumo

Grupo sempre foi conceito destacado na Psicologia. No Brasil, uma autora a ele se dedicou de modo especial, ao propô-lo como categoria analítica privilegiada em sua proposta de uma psicologia social voltada à nossa realidade. Este estudo teve como objetivo demonstrar como, no trabalho de Silvia Lane, se deu a evolução do conceito de grupo. Para isso, contou com análise de conteúdo de textos de sua autoria. Os resultados dessa análise indicam que o trabalho com grupos desenvolvido por Silvia Lane estava estreitamente ligado à prática de pesquisa, sua e dos alunos, permitindo a produção de conhecimento sobre grupos a partir da aplicação em grupos específicos da sociedade. Dentro da universidade, usava suas aulas da disciplina “Processos Grupais” como laboratório de pesquisa, o que significa que não apenas reproduzia os autores que lhe davam sustentação teórica, mas aplicando-a à nossa realidade, para, então, revisá-la, agora transformada pelo efeito da prática, e então colocá-la na prática novamente. Assim sendo, a evolução do conceito é explicitada neste trabalho, mostrando que, na proposta desta pioneira de uma psicologia social brasileira, trabalha-se com processo grupal (e não simplesmente grupo).

Palavras-chave: *processos grupais; Silvia Lane; grupo.*

* Pesquisa realizada com bolsa PIBIC/CNPq.

** Psicólogo, graduado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), integrante do Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPSI). E-mail: renjds@ig.com.br

*** Professora titular da PUC-SP, coordenadora do Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPSI). E-mail: mcguedes@puccsp.br

Abstract

The concept of “group” has always been prominent in psychology. The author Silvia Lane has dedicated herself to this concept in a special way, proposing it as a privileged analytical category within social psychology focused on Brazilian reality. The present paper has the objective of demonstrating the development of the group concept in Silvia Lane’s work. To reach this purpose, the content analysis of her written material has itself been analyzed. The results indicate that the work with groups is strictly linked to the research done by herself and her students, which led to building knowledge about the groups when applied to specific groups in society. As a professor, Silvia Lane has used her classes of “Group Processes” as an experimental arena, not only reproducing the theoretical assumptions from other authors, but also applying them to the Brazilian reality. By doing it, the author was able to review such assumptions, now transformed by practice to then put them into practice again. Thus, the evolution of the concept is explained in the paper, demonstrating that the group process (and not simply the “group”) is a pioneer concept brought on by this Brazilian social psychologist.

Keywords: Group process; Silvia Lane; group.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com historiografia, isto é, escrever a história, não se constitui tarefa fácil, tamanha é a responsabilidade. É através da história que um povo encontra a legitimação do passado de seus antecessores, os quais puderam ter ou não uma história de orgulho a ser contada.

O [perigo é que] passado legitima. O passado fornece um pano de fundo mais glorioso a um presente que não tem muito o que comemorar. (Hobsbawn, 1998, p. 17)

O que Hobsbawn quer dizer, nessa discussão política, é que se não há um passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo, seja para fins acadêmicos, seja para fins políticos. A escrita da história se dá, por sua vez, em diversos campos, dentre eles a universidade, a qual zela pelo compromisso não só da educação, mas como da pesquisa.

Este trabalho, embora sem fins nem meios políticos de conhecimento do autor, também tem sua responsabilidade, uma vez que a partir dele está sendo escrita uma história, com o viés da subjetividade, a qual é dada a cada

um, de uma Professora pioneira – precursora de uma Psicologia Social no Brasil com grande importância na construção, reflexão e consolidação da Psicologia brasileira: Silvia Lane.

O viés da subjetividade se torna um empecilho no fazer história, e também aqui não seria diferente, ainda mais em se tratando de história da psicologia, um campo que traz consigo uma diversidade de métodos e objetos de estudo (Andery, Micheletto & Sério, 1998).

Longe de tentar eliminar essa subjetividade ou de negá-la, o caminho tomado é o de explicitação do método empregado, assim como do objeto estudado, para que o leitor tenha condições de observar de maneira mais próxima o que o autor observou e tenta explicitar.

Para tanto, a análise de conteúdo, conforme proposta em Bardin (1977), foi o método escolhido para analisar as produções acadêmicas da Professora Silvia Lane. Segundo Bardin, a análise de conteúdo trabalha com mensagens, no sentido de evidenciar indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem em si. Diferencia-se da análise documental, a qual trabalha com documentos, no sentido de representá-los em sua ausência.

Assim sendo, tendo o respaldo metodológico de Bardin, a subjetividade não é nem tem a pretensão de ser eliminada, mas tem seu recorte bem definido.

Em trabalho anterior, no qual analisamos o conceito de grupo no primeiro livro de Silvia Lane, *O que é Psicologia Social*, ao apresentá-la dizíamos:

Professora de Psicologia Social da PUC-SP desde 1965 e reconhecida internacionalmente por sua contribuição para a área, Silvia Lane chegou a receber prêmio da Sociedade Interamericana de Psicologia em 1999. Só isso já permitiria tornar sua presença entre nós objeto de interesse para pesquisa histórica. (Silva, 2009, p. 4)

E concluíamos:

Os grupos, para a autora, consistem em inter-relacionamentos de duas ou mais pessoas, exceto para casos onde o conceito é empregado de forma mais ampla, como quando ela se refere a classe social, sociedade, homens,

muitos, todos, dentre outros. Cada indivíduo deve preencher determinados pré-requisitos para poder fazer parte de um grupo, é o que a autora chama de “características pessoais”. Essas características pessoais são fortemente produzidas pelas relações grupais, pois são nelas que os indivíduos se identificam uns com os outros e também se diferenciam, contribuindo na formação da individualidade e também dos papéis sociais. Assim sendo, são os grupos que dirão o que será reforçador ou não para o indivíduo, segundo sua participação em cada um deles. (Silva, 2009, p. 9)

Discorríamos ainda acerca dos assuntos abordados em cada capítulo ao longo do livro. O que vale ressaltar desse estudo, e que foi de muita importância para este trabalho, é que Silvia Lane, nessa publicação de 1981, já fala da formação de grupos como importante na tomada de consciência, isto é, que é através do reunir-se com um grupo de semelhantes (reunião de duas ou mais pessoas que desempenham determinados papéis sociais em torno de uma tarefa que lhes diz respeito) que os indivíduos podem analisar e compreender os fenômenos sociais, os quais estão intimamente ligados ao modo de produção capitalista, tendo assim condições de reivindicar seus direitos perante a sociedade.

Lane coloca também que a reflexão de como a sociedade está estruturada, muito embasada na ideologia de classes sociais, é condição para a tomada de consciência e a quebra com a reprodução de papéis sociais que reproduzem a relação dominador-dominado, isto é, as relações de poder.

Foi assim que se pensou, para um segundo trabalho, analisar não apenas outras obras de Lane sobre grupo, mas buscar saber como foi evoluindo sua concepção de grupo – conceito que colocou como categoria fundamental para se pensar uma psicologia social voltada à realidade brasileira. Desse modo, mais que um trabalho em história da Psicologia no Brasil, este é um trabalho de cunho histórico-conceitual.

MÉTODO

O contato com o acervo de Silvia Lane, localizado na Fundação Anieli e Tadeusz Ginsberg, permitiu o acesso não só a documentos já publicados pela Professora Lane, mas também a documentos inéditos.

Dentre eles, fundamental foi o documento inédito “Caminhos percorridos”, em que Silvia Lane relaciona os textos que foi escrevendo ao longo de seu percurso como pesquisadora voltada a uma psicologia social para o psicólogo brasileiro. Nele, destaca cinco grandes temas, começando com seus estudos no campo da “Psicologia da Linguagem”, seguidos por “Psicologia Social”, “Psicologia Comunitária”, “A mediação emocional” e, finalmente, “Processo Grupal”. As datas dos textos mostram que, em seu percurso, essa foi a ordem de entrada dos vários campos em seu processo de construção de uma psicologia social que veio a substituir a simples importação de teorias elaboradas em outras realidades – que foi o que encontrou quando, em 1965, iniciou sua carreira como professora de Psicologia Social.

Sendo assim, para continuar estudando grupo segundo Silvia Lane, decidimos analisar os seguintes textos - que estão relacionados na categoria “Processo Grupal”:

“Homenagem a Martin-Baró”

“O Processo Grupal na perspectiva de Ignacio Martin-Baró”

“O caminho dos Sentimentos” (produção grupal)

“Tentativa de análise de vídeos de Processo Grupal” e

“Todo Agrupamento Humano pode vir a ser uma Comunidade”.

Desses textos, não foi possível localizar no acervo “Homenagem a Martin-Baró” e “Tentativa de análise de vídeos de Processo Grupal”. Mas encontramos no acervo posto à nossa disposição pelo NeHPsi, mais um que nos pareceu importante, embora não relacionado por ela, por se tratar de artigo específico sobre grupo: “Uma análise dialética do Processo Grupal”

O que segue é, pois, uma análise de conteúdo dos textos acima selecionados. Na análise dos textos seguiu-se a ordem cronológica crescente, para se ter uma idéia mais clara de como se dá, em Silvia Lane, a evolução do conceito de grupo. E sua integração ocorreu em seguida, num texto que chamaremos de “Discussão”.

RESULTADOS

Produto da análise de conteúdo realizada conforme propõe Bardin (1977), mas aplicada primeiro a cada texto, os resultados são apresentados e sua discussão é aqui iniciada, separando ainda texto por texto, e na ordem (cronológica) em que foram lidos. É em “Discussão” que se fará a integração, para responder às questões da pesquisa.

O artigo **Uma Análise Dialética do Processo Grupal** foi publicado em *Cadernos PUC* pela editora EDUC em 1980, e desenvolvido por Silvia Lane em co-autoria com alguns de seus alunos. O artigo foi resultado de um trabalho feito com estes alunos na pós-graduação de Psicologia Social da PUC.

Nele, Silvia Lane justifica o uso da expressão processo grupal, ao invés do uso de apenas grupo, dizendo que os grupos só poderão ser reconhecidos enquanto forem vistos como inseridos dentro da sociedade, levando-se em conta a sua história, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas, o que dá um caráter de movimento aos grupos, em contraponto a uma visão estática. Além disso, a análise do processo grupal leva em conta a história do grupo para que não seja perdido o caráter ideológico presente nele, o qual está ligado às relações de produção capitalistas.

Assim sendo, a discussão parte na direção de como analisar grupo enquanto processo através da perspectiva materialista dialética. Para tanto, a análise do processo grupal deve partir de dois níveis: o da vivência subjetiva e o da realidade objetiva. O primeiro é “marcado pela ideologia, onde cada um se representa como indivíduo livre, capaz de se autodeterminar, ‘consciente de sua própria ação e representação”, reproduzindo a ideologia do capitalismo (o individualismo, o *self-made-man*). O nível da realidade objetiva é aquele “onde as ações e interações estão sempre comprimidas e amalgamadas por papéis sociais que restringem essas interações ao nível do permitido e do desejado (em função da manutenção do *status quo*)”, reproduzindo o cerne do sistema, isto é, a relação dominador-dominado, explorador-explorado.

É no nível da realidade objetiva que qualquer dialética poderá se desenvolver, pois é nela que se dá o desempenho dos papéis sociais, os quais

reproduzem as relações de poder e de dominador-dominado, e que podem fazer emergir os processos de oposição, negação, contradição e negação da negação, constituintes de qualquer processo dialético. Entretanto, isso não quer dizer que o primeiro nível seja menos importante, já que ambos se co-determinam.

Outro aspecto importante para análise do processo grupal é o tipo de inserção que tem o grupo dentro da instituição, isto é, em que condições ele foi criado, com que finalidade, se em direção dos interesses da instituição ou contra eles, se criada por ela ou por algum tipo de contestação.

Silvia afirma que, na sua relação com o ambiente social, o indivíduo interioriza o mundo como realidade concreta, subjetiva na medida em que é pertinente ao indivíduo em questão, e que por sua vez se exterioriza através de seus comportamentos. Assim sendo, a capacidade de resposta do homem decorre de sua adaptação ao meio no qual ele se insere, sendo que essas respostas (comportamentos) se tornam habituais na medida em que seus resultados sejam positivos. Nesse sentido, segundo Silvia, “todos os processos de formação de hábitos antecedem a institucionalização dos membros, esta ocorrendo sempre quando as atividades tornadas hábitos se amoldam em tipos de ações que são executadas por determinados indivíduos”. É a formação dos papéis sociais. Levando-se isto em consideração, Silvia coloca que, no processo grupal, a história de vida de cada elemento constituinte do grupo também é importante na análise do processo grupal. Ainda que a história de cada um seja revelada pelo desempenho de determinados papéis sociais, uma vez que seus hábitos dizem respeito à história das instituições pelas quais passaram, pode ainda ser necessária uma pesquisa mais sistemática da história de vida do indivíduo.

O exercício dos papéis sociais pelos indivíduos em relação nos grupos é gerador de contradição, pois os papéis sociais reproduzem a dinâmica básica dos papéis históricos, isto é, a relação dominador-dominado, e, nesse mesmo sentido, os indivíduos negam a dominação na inter-relação com os outros membros do grupo, como uma forma de afirmar a sua individualidade. Assim sendo, o texto ainda coloca um outro tipo de contradição, esta agora sendo gerada entre o nível das determinações concretas e o das vivências subjetivas: a contradição periférica. Desta “poderia nascer ou não

um tipo de consciência prática, capaz de engendrar qualquer práxis grupal”. Entretanto, a emergência dessa consciência prática pode ser dificultada pelo grau de cristalização em que se encontram os papéis sociais dentro da instituição, o que dificulta ainda mais a tomada de consciência acerca da representação desses papéis sociais.

O último elemento tratado no texto como fundamental para análise do processo grupal é o caráter de “máscaras” envolvido na representação dos papéis sociais quando tomados no nível das vivências subjetivas. Os autores exemplificam com o papel de um líder, o qual “pode, no nível das determinações concretas, exercer uma ação de dominação e ser vivida no nível das representações ideológicas (vivências subjetivas) como mero ‘coordenador’, que só quer o bem do grupo e preservar a liberdade de todos”.

Colocados esses pressupostos teóricos e metodológicos, os autores afirmam que esta foi uma elaboração teórica inicial, em que se evidencia a importância de estudar grupos como condição necessária para que seja entendida a relação indivíduo-sociedade, e que esperam ter aberto um caminho para novos estudos nesta área.

O artigo **Processo Grupal na perspectiva de Ignácio Martin-Baró: Reflexões acerca de seis contextos concretos**, publicado na Revista Interamericana de Psicologia, em 1997, traz um estudo feito a partir da observação de alunos da pós-graduação de Sílvia, no qual discutem os processos grupais segundo Martin-Baró, em seis grupos concretos: grupo de idosos, grupo de mulheres, grupo de eletricitários, grupo de educadores populares, grupo de pessoas portadoras de deficiências e grupo de crianças.

Segundo os autores, na perspectiva de Baró, ao se estudar grupo devem ser enfatizados a identidade do grupo, o poder de que o grupo dispõe e o significado social desse grupo.

A identidade deve ser entendida como um fenômeno dinâmico, no qual os indivíduos vão se relacionando uns com os outros, dentro do próprio grupo, ou com outros grupos (relação eu x outro e relação meu grupo x outros grupos), surgindo daí a consciência de grupo para cada indivíduo, em relação a si mesmo e outros grupos.

O poder aparece nas interações internas e externas do grupo, pois nessas interações estão implícitas a obtenção de algum tipo de influência ou efeito que possa lhe trazer algum benefício.

E o significado social do grupo é o que mantém a existência do grupo e a sua manutenção. “A identidade e o poder do grupo estão intimamente ligados e dependem da atividade desse grupo” (Lane & Freitas, 1997, p. 295). E é a atividade desse grupo que determina o seu significado social.

O texto **O caminho dos sentimentos no grupo – uma experiência de processo grupal registrada pela câmera de vídeo** é de 1998 e não chegou a ser publicado. Trata-se de uma transcrição de fita de uma aula de fechamento do curso de pós-graduação, “Processo Grupal”, por isso está todo em primeira pessoa e com linguagem coloquial. Nele, a Professora Silvia Lane coordena seu grupo de alunos, trabalhando como tema principal as percepções e sentimentos dos membros desse grupo com relação a todo o curso.

Para cumprir a disciplina “Processo grupal” do curso de pós-graduação, esse grupo era formado por dez pessoas, contando com a coordenadora, a Professora Silvia Lane, mais três alunos que não estavam presentes nessa discussão.

Este texto não tinha data, mas foi possível localizá-la a partir de informações sobre a data do curso. E dele se pode inferir a metodologia utilizada pela Professora Silvia Lane, além das bases teóricas e, principalmente, o próprio processo grupal.

Silvia Lane abre a aula dizendo que o objetivo do curso era o de fazer uma experiência de vivência de teoria em prática, através do subsídio da leitura de Martin-Baró. Com isso, fazer uma reflexão de grupos reais, tomando o cuidado de apontar que a construção que ali estava sendo feita era totalmente nova, isto é, não estavam apenas reproduzindo o autor.

O que se segue, após essa abertura de Silvia Lane, são os comentários dos alunos, de onde foi possível compreender, em parte, o processo pelo qual o grupo passou durante todo o curso, com suas compreensões e sentimentos. É importante frisar que, em se tratando de uma transcrição de uma fita de uma última aula, aula de fechamento, há nenhum, ou há

muito pouco contexto que ajude na compreensão global do texto. Por isso, foram necessárias diversas leituras para colocar cada fato em seu devido lugar, e o processo em ordem cronológica.

Os alunos compreendem que, enquanto grupo, eles mesmos passaram pelo processo grupal, além de seu trabalho prático com os grupos que escolheram estudar. Inicialmente, ainda não se constituíam como grupo. Cada membro desempenhava seu papel - com ansiedade e preocupações de quem ainda tinha claro o que pretendia fazer e nem como a aula poderia contribuir.

Depois veio o que eles chamam de “quebra”, em que os alunos começaram a trazer muito suas experiências cotidianas para dentro da aula, relacionando com a teoria, identificando como um facilitador para que houvesse troca entre eles.

O momento seguinte, também discutido como um dos mais importantes, foi o “grande conflito”. Durante as primeiras semanas do curso, os alunos cumpriam suas tarefas, participavam das aulas, alguns liam os textos etc. Eles eram, nesse momento, um somatório de pessoas que interagem, mas que não estavam integradas. Daí começou a emergir uma insatisfação por parte do grupo, um sentimento de que não estavam dando conta da tarefa tal como deveriam. Autodenominaram esse processo de “morno”, isto é, um processo que está indo devagar e lentamente, pouco produtivo e sem emoção. Pois vêem a emoção como crucial para o processo de aprendizagem, mesmo que acadêmica, e para a formação dos grupos.

O conflito consistiu na discussão desse “morno” do grupo. Foi quando começaram a se questionar enquanto grupo, se estavam simplesmente interagindo ou se integrando, se eram ou não um grupo. Estando a tomada de consciência ligada à emoção, à afetividade, eles comentam que a primeira expressão de afetividade que houve nesse grupo foi essa tomada de consciência, de que estava “morno”, e que até então estavam todos num plano demasiadamente racional.

Essa reflexão levou a uma mudança de estratégia, quando os alunos se mobilizaram mais em direção ao produto final do grupo, preocupando

mais com a produção. Passaram a ler mais os textos, estavam mais comprometidos com a tarefa, e também se viram envolvidos afetivamente com o grupo e a tarefa, condição para a integração do grupo.

Também houve outros empecilhos mais específicos com relação à formação desse grupo, como as três semanas seguidas em que não tiveram aulas. Entretanto, esse fato também foi motivo de análise do grupo. Os pós-graduandos colocaram que estavam passando por um bom momento de produção depois de desencadeado o conflito. Após essas três semanas sem aula, sentiram que puderam refletir melhor sobre as condições do grupo, voltando mais tranquilos para as últimas aulas, e produzindo de uma maneira diferente, pois se tratava de um momento diferente.

No início desse grupo, Silvia Lane foi desempenhando seu papel de professora e, complementarmente, os alunos desempenhando seus respectivos papéis de alunos. Buscando superar esse tipo de relação, Silvia provocou seus alunos, questionando o que estavam sentindo a respeito desse outro grupo, que a incluía, o que veio a desencadear o conflito.

A partir da observação de intervenções feitas pela professora Lane, é possível inferir como foi sua atuação na coordenação deste grupo. Para ela, a individualidade de cada um deve ser preservada dentro do grupo, pois é através dela que uns vão reconhecendo os outros, se interessando e estabelecendo laços afetivos com os demais membros do grupo. E é o grupo que nos individualiza na nossa identidade, assim como nos identifica como pessoa dentro de uma sociedade, cultura ou de qualquer contexto.

E, de maneira geral, para Silvia Lane o objetivo do grupo é ser autônomo, isto é, autonomia de produção, ele tem que funcionar por si próprio e sua produtividade deve ser independente de qualquer autoridade. Nesse sentido é que ela esclarece o uso da expressão “processo grupal”, pois não tem fim. O processo vai em direção a esse objetivo, a autonomia do grupo.

Esse método de Silvia buscou assegurar a aprendizagem dos alunos de como conduzir um grupo, não ensinando a eles um passo-a-passo de coordenação de grupos, mas o que deve ser buscado no trabalho com grupos. Sendo assim, aquele próprio grupo estava servindo como laboratório para fins desse tipo de aprendizagem. Nas palavras dela:

Se vocês saírem daqui agora pra trabalhar com grupo, vocês se sentem capazes de desenvolver um trabalho de desenvolvimento da autonomia dos grupos com os quais vocês lidam? Eu acho que esse é o desafio do grupo, se vocês são capazes de estar produzindo o que nós vivemos aqui. Que a produção dessa vivência é que caracteriza a aprendizagem. (Lane, 1998, p. 18)

Quando o indivíduo está destituído de afetividade, ou seja, está trabalhando somente com a racionalidade, ele não está sendo ele mesmo naquele momento.

No texto **Todo Agrupamento Humano pode vir a ser uma Comunidade**, de autoria única de Silvia, que foi apresentado, embora não publicado, em evento na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPPEP) em 2000, os conceitos que foram apresentados e trabalhados no primeiro texto aqui relatado, novamente são trazidos por Silvia Lane, só que agora de uma forma menos técnica e mais simples para ser compreendida, talvez porque era uma exposição oral.

A análise do processo grupal está agora sustentada também pela teoria de Ignácio Martin-Baró, a qual é apresentada em seu livro “Sistema, Grupo y Poder”. Segundo Silvia, nesse livro o autor demonstra como estão relacionadas as instituições que constituem o sistema social, os grupos sociais e os exercícios de poder.

A autora diz que “as pesquisas sobre processos grupais realizadas no núcleo de pesquisa do Programa de pós-graduação em Psicologia Social da PUCSP têm estudado as relações de poder assim como as de dominação que se apresentam nos grupos”. Como foi possível observar no primeiro texto relatado neste relatório, basicamente foi trabalhada a idéia de relação grupal enquanto réplicas das instituições sociais, reproduzindo as relações de poder (dominação-submissão) que se mascaram enquanto exercício dos papéis sociais. Entretanto, neste segundo texto, Silvia diz que focalizará em especial a análise do processo grupal levando em conta a questão do poder.

Fundamentada na teoria sócio-histórica de Vigotski, a autora coloca como categorias fundamentais e inter-relacionadas do psiquismo humano as emoções, a linguagem, o pensamento e os grupos sociais. Dessa forma,

é importante ressaltar que, embora o enfoque seja dado aos grupos no desenvolvimento da consciência social, as demais categorias também são levadas em conta na análise do processo grupal.

Nessa direção, Silvia dá um passo além, propondo uma forma de como superar a contradição. Segundo ela, “ao mesmo tempo em que o grupo transmite a ideologia dominante, ele se constitui na possibilidade de sua desmitificação e do desenvolvimento das consciências individuais. Basta enfrentar a contradição entre identificação e diferenciação”. Então, uma pessoa se considera diferente de uma outra na relação, afirmando a sua individualidade, porém se reconhece nesse outro, uma vez que compartilha com ele determinadas características.

Ambos poderão ser movidos na direção de uma ação conjunta quando diante de um problema comum. Assim sendo, poderão tomar consciência de que outras pessoas também passam por esses mesmos problemas, pensando social e historicamente. Disso poderá resultar em uma conversa, com um grupo maior, o que fará com que surjam novos argumentos e solução para a resolução do problema comum.

Segundo a autora, “alguns grupos observados, durante algum tempo (e aqui talvez ela se referisse não só aos grupos que ela pesquisou, mas também aos grupos estudados por seus alunos), não apresentaram relações de dominação nem um poder centralizado, mas de trocas constantes entre seus membros. Análises cuidadosas demonstraram tratar-se de grupos cuja necessidade primordial era a definição ou redefinição das identidades individuais”. Para Silvia Lane, essa é a constituição de uma comunidade, como nas suas próprias palavras, “utópica”.

Para ela, diante das atuais circunstâncias, o que nos resta é trocar algumas palavras com as pessoas que fazem parte de nosso círculo social, com o intuito de identificar e desvelar as contradições existentes na sociedade capitalista em que vivemos.

DISCUSSÃO

Em cada um dos textos é possível observar que Silvia Lane estuda os processos grupais segundo diferentes perspectivas, o que não significa,

necessariamente, que sua visão de grupo vai se modificando. Pelo contrário, é observado que desde sua primeira publicação em livro, “O que é Psicologia Social”, a autora veio trazendo novos conceitos, se embasando em outros autores, de forma a confirmar e deixar mais claras suas idéias com relação aos processos grupais.

No primeiro texto, “Uma análise dialética do Processo Grupal”, os processos grupais são analisados a partir da perspectiva materialista dialética, teoria que tem como um de seus precursores Marx. No segundo texto analisado, “Processo Grupal na perspectiva de Martin-Baró”, Silvia Lane estuda os grupos a partir da observação da identidade do grupo, do poder que o grupo dispõe e o significado social daquele grupo para a sociedade. No terceiro texto analisado, “O caminho dos sentimentos no grupo”, a autora analisa, assim como no segundo texto, os grupos sob a ótica de Martin-Baró, mas acrescenta alguns conceitos que não foram abordados no segundo texto, como a questão da afetividade e do objetivo do grupo. Por fim, no quarto texto, “Todo agrupamento humano pode vir a ser uma comunidade”, Silvia Lane faz a análise do processo grupal levando em conta a questão do poder.

Dessa análise é possível ver como Silvia foi avançando em seus estudos sobre grupo. Partindo de um primeiro momento em que defende a necessidade de proceder ao estudo focalizando o processo grupal, acrescenta a cada um desses textos novo aspecto, complementando e contribuindo para uma maior compreensão do fenômeno grupal, ou seja, é possível identificar aí uma evolução em como Silvia “olhava” para os grupos, e é possível observar que essa evolução significa que houve, de um texto para o outro, algum incremento no modo como concebe a análise grupal.

Corroborando esse avanço as citações de autores utilizada por Silvia Lane em “O que é Psicologia Social”, no qual são citados Leontiev, Marx e Engels, entre outros. No primeiro texto analisado, de 1980, data muito próxima de sua primeira publicação em livro, as referências bibliográficas também fazem menção a Marx e Engels. A partir do segundo texto analisado, que data de 1997, a Professora Lane passa a incluir como principais fontes teóricas: o pensamento de Ignácio Martin-Baró e Vigostski. Segundo suas próprias palavras em “Caminhos percorridos”:

(...)Leontiev com o conceito de sentido pessoal vs. Significado e Vigotski com a análise da linguagem e do pensamento, e suas relações com a consciência e, posteriormente, com as emoções, ampliaram o campo de pesquisas. (Lane, 2004, p. 5)

Assim sendo, é possível inferir que o contato de Silvia Lane com autores como Vigotski e Martin-Baró vieram a complementar sua análise dos processos grupais.

Também é possível identificar uma evolução no como a Professora Silvia Lane trabalhava com grupos. Na primeira publicação e no primeiro texto aqui analisado, ambos muito semelhantes -e cabe lembrar que são de datas muito próximas- Silvia Lane trabalhou exclusivamente no campo teórico, citando, no máximo, alguns exemplos do cotidiano para mostrar a aplicação dos conceitos apresentados. Já nos outros três textos analisados, o que se observa é uma gradual transposição dos conceitos para a prática. Num deles, são observadas as dinâmicas de seis grupos bastante diferentes entre si. No outro são trabalhados os conceitos dentro do próprio grupo de alunos de Silvia, servindo como um laboratório de análise de grupos. Finalmente, o quarto texto também pode ser visto como bastante prático, uma vez que nele Silvia dá indícios de como superar as contradições trazidas pelo sistema de produção capitalista, alcançando assim a consciência social.

A consciência é um conceito que é abordado por Silvia Lane em todos os textos analisados, e significa tomar consciência, conhecer os mecanismos desencadeantes de nossos comportamentos, com a clareza de que estão ligados ao desempenho de nossos papéis sociais, os quais foram construídos no contexto do sistema de produção capitalista, que por sua vez engendra papéis sociais que são atravessados pelas relações de poder.

Segundo Silvia Lane, todos desempenhamos papéis sociais nas relações com os outros. E quanto mais cristalizados se encontram esses papéis sociais, maior é a dificuldade de se alcançar a consciência.

Nesse sentido, Silvia Lane demonstra ter bastante comprometimento com a produção de conhecimento para aplicação prática. E, como coloca no terceiro texto analisado, essa teoria está em constante construção:

A leitura do Martin-Baró nos dá subsídios teóricos e a vivência em grupo permitia a reflexão do que estava ocorrendo aqui no grupo e unindo com a teoria. Vocês estão fazendo uma nova construção, nós não estamos repetindo o Baró. Nós estamos fazendo uma teoria a respeito do que foi esse grupo nesse processo. (Lane & Freitas, 1997, p. 1)

Nesse trecho fica clara qual a sistemática de ensino adotada por Silvia Lane, assim como se dava sua produção de conhecimento. A Professora partia de uma teoria, aplicando-a na prática, para então repensar a teoria, agora transformada pela prática, voltando a aplicá-la na prática novamente. Esse movimento demonstra que Silvia Lane não estava preocupada apenas em produzir conhecimento para ficar preso no campo acadêmico, mas para aplicar em algum contexto concreto, com o comprometimento de buscar uma sociedade sem opressões.

O terceiro texto também traz um conceito novo, que antes não havia aparecido nos textos aqui analisados: a afetividade. Esse novo conceito aparece como fundamental para a aprendizagem e para a formação dos grupos, uma vez que é na relação com os outros membros do grupo que a identidade vai sendo formada, e também negada, movimento chamado de “dupla negação”. Para que haja essa identificação, é necessário que haja interesse de uns membros pelos outros, o que está permeado pela emoção, pela afetividade.

Embora a afetividade seja um conceito novo, ela aparece como forma de complementar a teoria da “dupla negação” de Silvia Lane. Na primeira publicação e no primeiro texto analisado essa teoria já aparece, quando Silvia diz que, nas inter-relações, num primeiro momento os indivíduos tentam negar a unidade grupal, exaltando as diferenças, como forma de assegurar suas individualidades. Num segundo momento, tentam eliminar essas individualidades através da negação, em busca da unidade grupal, de um “nós”. Então, a afetividade foi aplicada na teoria dos processos grupais para complementar a teoria da “dupla negação”.

No último texto analisado, Silvia deixa uma contribuição bastante significativa, que aparece como uma evolução com relação aos outros textos analisados: a forma como podemos, todos os indivíduos, sem exceção, trabalhar a favor do alcance da consciência social, isto é, através do desvelamento

das contradições implícitas e explícitas existentes no sistema de produção capitalista. Até então, eram dadas soluções e intervenções para grupos específicos. Diferentemente, nesse texto Silvia Lane reconhece a dificuldade de se pensar na sociedade como um todo. Mas coloca que através de conversas com os membros de outros grupos sociais, que passam situações semelhantes, é possível identificar os mecanismos que condicionam suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andery, M.A.P.A., Micheletto, N. & Sério, T.M.A.P. (1998) *História da psicologia: diversidade também de objetos?* São Paulo: EDUC.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Hobsbawn, E. J. (1998). *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras
- Lane, S. T. M. (1980). Uma Análise Dialética do Processo Grupal, *Cadernos PUC*. N.1, 95-107.
- Lane, S. T. M. (1981). *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Ed. Brasiliense
- Lane, S. T. M. & Freitas, M. F. Q. (1997). Processo Grupal na Perspectiva de Ignácio Martin-Baró: Reflexões acerca de seis contextos concretos. *Revista Interamericana de Psicologia*, 31(2), 293-308.
- Lane, S. T. M. (1998). *O Caminho dos Sentimentos no Grupo – Uma Experiência de Processo Grupal Registrada pela Câmera de Vídeo*. Texto inédito. Acervo NeHPsi/PUC-SP.
- Lane, S. T. M. (2000). *Todo Agrupamento Humano Pode Vir a Ser uma Comunidade. Comunicação em Congresso - ANPPEP*. Texto inédito. Acervo NeHPsi/PUC-SP.
- Lane, S. T. M. (2004). *Caminhos percorridos*. Texto inédito. Acervo NeHPsi/PUC-SP.
- Silva, R. J. (2009). *O que é grupo para Silvia Lane e como estudá-lo numa psicologia social crítica*. São Paulo. Pesquisa de Iniciação Científica.